



VISIBILIDADE DO TRABALHO FEMININO NO ASSENTAMENTO FACÃO BOM JARDIM, CÁCERES-MT

*Silvana Cipriano da Rocha
Abdala Untar¹
Regina Maria Quintão Lana
Janara Peixoto Ramirez
Isabel Dayane de Souza Queiroz*

RESUMO

Este projeto enfatiza a visibilidade do trabalho feminino num assentamento e relata a luta das mulheres que, ao longo dos anos, vêm almejando a conquista de sua independência financeira, política e social. A pesquisa foi realizada no assentamento Facão Bom Jardim, município de Cáceres-MT, com o grupo de mulheres Natureza Viva, que desenvolve atividades como cultivo agroecológico, produção de derivados de castanha e artesanatos de bucha orgânica. Na primeira etapa, em diferentes bibliotecas, realizaram-se pesquisas bibliográficas referentes à questão de gênero, organização social e economia solidária. Na segunda, elaboraram-se três modelos de questionário, os quais foram aplicados às integrantes do grupo Natureza Viva, aos familiares das participantes e também às pessoas sem vínculo, como moradores de assentamentos vizinhos. Na terceira, efetuaram-se visitas ao local para se conhecer o cotidiano da comunidade, especialmente, o das mulheres. Além disso, aplicaram-se os questionários por meio de visitas em domicílio. Na quarta etapa, realizou-se uma dinâmica, denominada Teia da Vida, por meio da qual foi possível conhecer melhor as integrantes do grupo, bem como o papel de cada uma dentro dele. Percebeu-se que esse grupo surgiu formado por mulheres procedentes de diferentes lugares do país e como forma de luta pelo espaço social. Apesar das dificuldades, elas têm conquistado benfeitorias significativas para a comunidade e para si próprias. É grande a importância do grupo, uma vez que contribui para o aumento da autoestima e a troca de experiências e possibilita a realização de intercâmbio e divulgação das atividades desenvolvidas e ainda gera renda por meio da venda de seus produtos para a CONAB. Sendo assim, o projeto desenvolvido no assentamento Facão Bom Jardim é reconhecido e tem visibilidade. Isso indica a crescente valorização do trabalho feminino que envolve práticas agroecológicas ser valorizado, além da possibilidade de ele promover aumento na renda familiar em outras comunidades.

Palavras-chave: Agricultura familiar. Comunidade. Independência feminina.

¹ Mestrado em Extensão Rural (UFV). Docente do Departamento de Agronomia, Campus de Cáceres, Universidade Estadual do Mato Grosso, Cáceres, MT. Contato: abdalauntar@yahoo.com.br.

VISIBILITY OF WOMEN'S WORK IN THE SETTLEMENT "FACAO BOM JARDIM", CÁCERES-MT

ABSTRACT

This research was conducted in the settlement "Facção Bom Jardim", in the city of Cáceres - Mato Grosso, with the group of women "Natureza Viva" which develops activities such as agro-ecological farming, production of chestnut derivatives, crafts and plant sponges. This work emphasizes the visibility of women's work at the settlement and relates the struggle of women who over the years aims their financial, social and political independence. It occurred in four steps. At first, literature searches were made in different libraries, on the issue of gender, social organization and economic solidarity. At second, three models of questionnaires were drawn up and delivered to members of the group "Natureza Viva", also to the family members and people who are not related to the group, such as residents of neighboring settlements. At the third step, visits were made getting to know the daily living in the community, especially about women in the group. In addition, questionnaires were applied by home visits. At the fourth stage, a dynamic group called "Web of Life" was performed, so it was possible to get better understanding about the group, as well as the role of each woman within it. It was noticed that the group emerged as a kind of struggle for social space and is composed of women from different parts of the country. Despite the difficulties, these women have achieved significant improvements for the community and for themselves. The group is very important because it contributes to the improvement of women's self-esteem, for the sharing of experiences, allowing the realization of exchange, dissemination of the activities and also generating an income through the sale of products to CONAB. Therefore, the project developed in the settlement "Facção Bom Jardim" is recognized by its participants and has visibility. This indicates the possibility of women's work involving agro ecological practice being valued and promoting an increase in household income also in other communities.

Keywords: Family agriculture. Community. Woman independence.

VISIBILIDAD DEL TRABAJO FEMENINO EN EL ASENTAMIENTO "FACAO BOM JARDIM", CÁCERES-MT

RESUMEN

La investigación se realizó en el asentamiento "Facção Bom Jardim" en la ciudad de Cáceres - Mato Grosso, con el grupo de mujeres "Natureza Viva" que trabajan con diversas actividades como la agricultura agro-ecológica, la producción de derivados de la castaña y artesanías de cepillado orgánico. El trabajo enfatiza la visibilidad del trabajo femenino en el asentamiento y cuenta la lucha de las mujeres que buscan independencia financiera, política y social. Siguieron cuatro etapas. En la primera, investigaciones bibliográficas se hicieron en varias bibliotecas de la ciudad, referentes a las cuestiones de género, organización social y economía solidaria. En la segunda fueron elaborados tres modelos de cuestionarios semiestructurados los cuales fueron aplicados a las integrantes del grupo "Natureza Viva", a los familiares de las participantes del grupo y también a personas no relacionadas al grupo, como los habitantes del asentamiento vecino. En la tercera se realizaron visitas en el asentamiento para conocer el cotidiano de

la comunidad, especialmente de las mujeres del grupo. Además, fueron aplicados los cuestionarios mediante visitas domiciliarias. En la cuarta etapa se realizó una dinámica de grupo denominada "Teia da vida", por la cual fue posible conocer mejor el grupo, así como el papel de cada mujer dentro de él. Se observó que él surgió como una forma de luchar por el espacio social y es formado por mujeres procedentes de diferentes lugares del país. A pesar de las dificultades, estas mujeres han logrado mudanzas significativas para la comunidad y para ellas mismas. El grupo es muy importante, ya que con la mejora de la autoestima de las mujeres, contribuye al cambio de experiencia, en la realización de intercambios y la difusión de sus servicios obteniendo ingresos mediante la venta de sus productos a la CONAB. Así pues, el proyecto desarrollado en el asentamiento "Facção Bom Jardim" es reconocido y tiene visibilidad. Esto indica la posibilidad del trabajo femenino que implica prácticas agro-ecológicas valorizadas y promueve un aumento de la renta de las familias también en otras comunidades.

Palabras clave: Agricultura familiar. Comunidad. Independencia femenina.

INTRODUÇÃO

A história do Assentamento Facção Bom Jardim começou em 1997 com a invasão de uma área de pastagem ao lado da rodovia BR 070, na altura do km 10. A partir de 2001, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) passou a atuar de maneira efetiva na implantação do projeto de assentamento.

Por meio de parcerias com a prefeitura de Cáceres, Centrais Elétricas Mato-grossenses (CEMAT), Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB) e outras empresas públicas e privadas, foi possível a construção de igrejas, escolas, estradas, com a instalação de rede elétrica e a execução de projetos de desenvolvimento rural.

O assentamento é composto de 65 lotes, onde vivem famílias que se organizaram em uma associação familiar de agricultores e agricultoras chamada "Flor de Ipê".

Em março de 2007, com o apoio dessa associação e do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, o Grupo "Natureza Viva" foi criado a partir das dificuldades encontradas pelas mulheres da comunidade em ocupar espaço nas organizações já constituídas do assentamento. O principal objetivo do grupo é o reconhecimento e valorização do trabalho da mulher, bem como sua independência social e financeira.

A mulher sempre lutou para conseguir um espaço na sociedade, apesar de todas as contradições e resistências impostas pelo homem. Historicamente, a mulher foi submissa ao homem, mas atualmente luta de todas as maneiras para romper as velhas amarras, não aceitando as imposições dos pais, esposos e da sociedade transmitidas de geração em geração.

[Dowling \(1995\)](#) aborda a questão da dependência e inferioridade feminina num estudo elaborado a partir de entrevistas com mulheres que expuseram seus medos, suas necessidades e suas dependências, problemas dos quais a autora trabalha para a libertação das mulheres.

No Brasil, entretanto, nos últimos anos, esse cenário tem apresentado mudanças, graças ao acesso à informação e ao conhecimento. Uma das ferramentas que a mulher brasileira encontrou para se libertar é sua própria inserção no mercado de trabalho, saindo um pouco da tutela do lar, do marido. No mundo do trabalho, ela projeta seus sonhos, acredita obter sua independência financeira, social e política, mesmo com

dificuldades para alcançar tal espaço em razão dos resquícios do preconceito contra ela mesma.

A luta das mulheres do meio rural tem sido mais difícil que a das mulheres urbanas. Afinal, para que os resultados de seu trabalho sejam prestigiados e reconhecidos como iguais ou até melhores que o dos homens, é preciso que os enfrentem de forma organizada. É que o trabalho feminino na agricultura familiar estaria marcado não só pela mesma invisibilidade de seu trabalho doméstico, que não é considerado produtivo, como também pela desqualificação de sua contribuição no trabalho agrícola, em muitos lugares visto como “simples ajuda”, categoria na qual se costuma inserir também o trabalho de jovens e crianças ([BRUMER, 2004](#)).

Os assentamentos rurais, como contexto de mudança social e espaços de constante construção de inserção social, são, em sua maior parte, fruto de processos de mobilização por meio de movimentos sociais e organizações sindicais, bem como da ação de diferentes atores criados a partir de uma lógica de intervenção governamental sobre situações de conflito, conforme a sua visibilidade e gravidade ([MEDEIROS; LEITE, 2004](#)).

No entanto, ao olhar para os assentamentos sob o prisma da reprodução social e dos recortes de gênero feminino, encontra-se uma problemática essencial: a pouca visibilidade dada à participação de mulheres na sociedade, nos movimentos sociais e, em especial, nos assentamentos.

O que tem mascarado a atuação das mulheres no mercado de trabalho é o preconceito de gêneros, pois a discriminação e a sua própria reclusão ao mundo do lar, em que ela não se manifesta, submete-se às imposições culturais e sociais, faz com que o trabalho feminino se coloque à margem do reconhecimento.

Os próprios bancos reafirmam o preconceito da maioria da sociedade referente à questão de gênero, dando maiores recursos/créditos para homens alavancarem seus empreendimentos. Mesmo com a obtenção de recursos que são frutos de seu trabalho, as mulheres trabalhadoras rurais enfrentam invisibilidade como cidadãos perante o Estado e a sociedade. Uma vez que possuem pouca autonomia econômica e não dominam os espaços de gestão e comercialização da sua produção ([BUTTO, 2005](#)).

Acreditava-se que a mobilização feminina dentro do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), seria muito difícil, pois se considerava irregular e provisória a inserção da mulher no mercado de trabalho e acreditava-se que as trabalhadoras fossem as principais depositárias e reprodutoras dos valores patriarcais dominantes na sociedade rural brasileira. No entanto, tais ideias já não correspondem à realidade, pois a participação produtiva dessas mulheres é massiva e marcada por uma longa jornada de trabalho mal remunerado. Além disso, suas mobilizações vêm ganhando visibilidade graças às manifestações, aos protestos e aos abaixo-assinados que reclamam o respeito à legislação, o acesso à previdência social e também o direito de participar ativamente de seus sindicatos ([PRIORE, 2004](#)).

O acesso de trabalhadoras rurais à terra sempre foi restrito. O Estatuto da Terra, de 1964, implantado no princípio do Regime Militar, dava prioridade a chefes de famílias maiores que quisessem se dedicar às atividades agrícolas, lembrando que os padrões culturais do país atribuem à chefia familiar aos homens. Entretanto, a legislação brasileira contemporânea promoveu importantes avanços para permitir o acesso das mulheres rurais à terra. É oportuno lembrar que a luta pela reforma agrária no Brasil já mobilizou milhões de trabalhadoras rurais que sempre estiveram presentes, mesmo sem ter a visibilidade dos seus esforços reconhecidos publicamente ([BUTTO, 2005](#)).

A falha histórica constituída pelo fato de as mulheres sofrerem discriminação e falta de reconhecimento pode ser revertida por meio de ações que tenham a finalidade de mudar essa realidade. É preciso entender que as diferenças entre homens e mulheres não significam discriminação e podem conviver de maneira harmoniosa. Além disso, homens e mulheres devem ter os mesmos direitos e deveres e, conseqüentemente, ter o mesmo valor, pois não é quanto a isso que se diferenciam, mas apenas quanto ao gênero. Sendo ambos seres humanos, têm papéis equivalentes na sociedade e podem desenvolver as mesmas funções ([OLIVEIRA, 1999](#)).

A visibilidade deve ser trabalhada em todos os sentidos e áreas da sociedade, pois sabemos que as diferenças e discriminações acontecem não somente em uma, mas em todas as áreas como a econômica, política, social, etc. Sendo assim, uma das transformações mais significativas na vida doméstica e que redundam em mudanças na dinâmica familiar é a crescente participação do sexo feminino na força de trabalho, em conseqüência das dificuldades econômicas encontradas pelas famílias ([ROMANELLI, 2002](#)).

Com este trabalho, objetivou-se apresentar a visibilidade do grupo Natureza Viva, avaliado pelas mulheres participantes, pelos familiares das mesmas e por pessoas de fora da comunidade.

MATERIAIS E MÉTODOS

Para o melhor desenvolvimento do trabalho, a metodologia foi dividida em quatro etapas.

A primeira caracterizou-se pela realização de um levantamento bibliográfico sobre os Movimentos Sociais do Campo (CAMOSC) nas bibliotecas do Curso de Agronomia da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT); na biblioteca municipal da cidade de Cáceres e na biblioteca da Federação de Órgãos para Assistência social e Educacional (FASE), realizou-se um levantamento bibliográfico referente à questão de gêneros, organização social, economia solidária, questão agrária no Brasil e entre outras. Também foram feitas visitas ao Sindicato dos Pequenos Trabalhadores Rurais, na Empresa Matogrossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (EMPAER) e ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), para conhecer melhor a realidade das mulheres do Grupo Natureza Viva.

Na segunda etapa da pesquisa, elaboraram-se três modelos de questionários semiestruturados. Um deles, para as integrantes do Grupo Natureza Viva, abordava questões como “Quanto tempo existe o grupo Natureza Viva?”, “Qual é o objetivo do grupo?” “Houve mudança na autoestima das mulheres a partir do surgimento do grupo? Outro modelo foi elaborado para os familiares do grupo, levantando questões como “Qual é a opinião dos familiares em relação ao grupo?”, “Qual a influência do grupo na vida das mulheres?”, O último questionário foi feito para pessoas externas ao grupo, como moradores de outros assentamentos, e nele se perguntava: “O grupo é conhecido na comunidade?”, “O grupo é bem visto?”, “O grupo é organizado?”, “Nos três modelos de questionários havia questões discursivas e fechadas.”

Na etapa subsequente visitou-se o Projeto de Assentamento Facção Bom Jardim para observar o cotidiano da comunidade, especialmente das integrantes do grupo Natureza Viva. Notou-se a integração de suas componentes nas reuniões da associação Flor de Ipê. Além disso, foram aplicados os questionários por meio de visitas em domicílio.

Na última etapa, realizou-se uma dinâmica de grupo, denominada dinâmica da Teia da Vida, por meio da qual foi possível conhecer melhor o grupo, bem como o papel de cada mulher dentro dele.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo as entrevistadas, o Grupo Natureza Viva iniciou suas atividades em 12 de março de 2007, apoiado pela associação Flor de Ipê e pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Cáceres (STR). Devido às dificuldades encontradas pelas mulheres em ocupar espaço nas organizações já constituídas do assentamento, o projeto surgiu com o objetivo de lutar pelo espaço social e contribuir economicamente na renda familiar com o desenvolvimento das atividades agroecológicas.

Inicialmente, o grupo era composto por oito mulheres. Chegou a alcançar 20 integrantes, mas muitas desistiram. Hoje, restam apenas cinco: Antônia Vieira de Andrade, Pedrosa Maria da Silva, Helena Aparecida Martins de Queiros, Maria Aparecida da Silva e Luzia Carneiro Melo.

Todos os dias, essas mulheres se reúnem para diversas atividades em conjunto, tais como trabalhos na horta ecológica, que incluem irrigação, serviços de tratamentos culturais e plantio. Para vender os produtos oriundos desta horta, recebem apoio da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB). Portanto, observa-se a necessidade de atividades organizadas dentro do assentamento, para que as mulheres tenham um bom desenvolvimento financeiro.

Além de atividades desenvolvidas na horta comunitária, um trabalho diário em época de produção, em que as mulheres se dividem em períodos de manhã e tarde para irrigação, capina, plantação e colheita das hortaliças, têm-se a produção de derivados de cumbaru. Colhe-se três vezes na semana e produzem-se barras de cereais, bombons, rapadura de cumbaru, pequi, canjiquinha e até artesanatos como, por exemplo, a boneca de bucha. A colheita do cumbaru é realizada das 7h às 11h e das 14h às 17h. Este trabalho é custeado pelos próprios integrantes do grupo. Há também a realização de intercâmbios, patrocinados pela Federação de Órgãos para Assistência social e Educacional (FASE) (Figura 1).

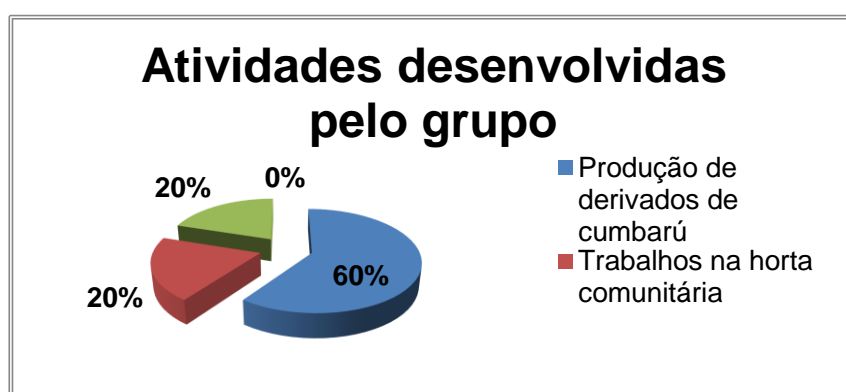


Figura 1. Atividades desenvolvidas pelas mulheres do grupo
Fonte: Produção própria

Tendo em vista o processo migratório da década de 70, com uma política do governo Emilio Garrastazu Médici, houve uma migração de diversas pessoas para o Mato Grosso. Com isso, o Grupo Natureza Viva, hoje, é composto por mulheres oriundas de várias regiões do Brasil (Figura 2), como Cáceres - MT, Poconé - MT, Iturama – MG, Pedra Branca – CE e Lucélia – SP. Por isso, existem culturas diferentes e ideias divergentes no grupo.

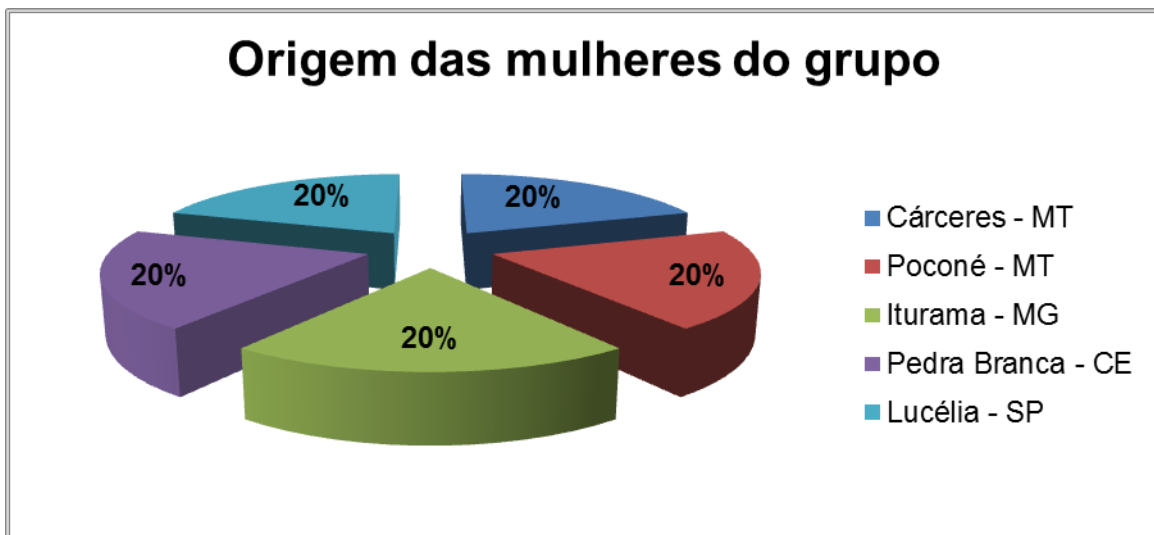


Figura 2. Cidades de origem das mulheres do grupo
Fonte: Produção própria

Os motivos que levaram as mulheres do grupo a se organizarem são diferentes: adquirir conhecimento e trabalhar, incentivo da presidente da organização com a proposta de trabalhar na horta e houve também quem não soube responder (Figura 3).



Figura 3. Motivos que levaram as mulheres a se organizarem
Fonte: Produção própria

Dentro do grupo, a maior dificuldade encontrada é a financeira. Na realidade, pequenos produtores de forma geral sempre tiveram dificuldades em obter recursos para financiamento de projetos e, nesse caso, percebe-se que isto não é diferente. A falta de água também aparece como um problema, porém acontece em todo o assentamento. Observa-se ainda que, tanto o grupo quanto a comunidade enfrentam dificuldades com o transporte, pois para muitos a locomoção ainda é difícil. Além disso, no local, não há uma cozinha para realização dos trabalhos que recebem beneficiamento dos produtos derivados de cumbaru. Outra grande problemática é a resistência das outras mulheres da comunidade em participarem das atividades do grupo devido a alguns obstáculos como: distância, problema de saúde, falta de tempo, idade e entre outros (Figura 4).

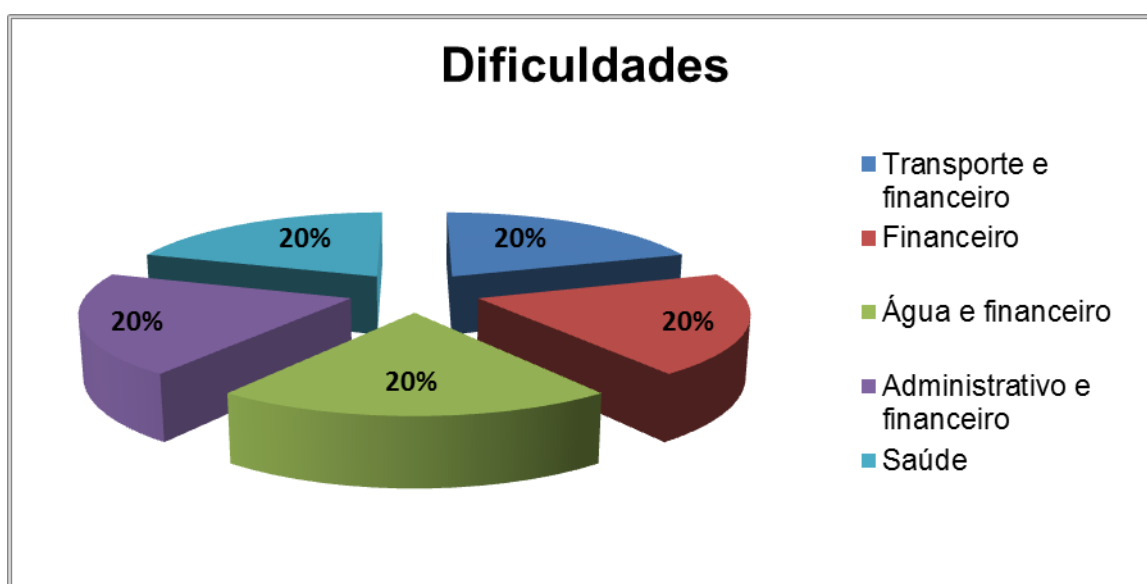


Figura 4. Problemas enfrentados pelo grupo e pela comunidade
Fonte: Produção própria

Quanto à participação em eventos fora do assentamento e sua repercussão, o Grupo Natureza Viva esteve presente em oficinas na igreja “Cristo Trabalhador”, o que, para as mulheres, foi um grande avanço. Elas participaram também do encontro “Povos do Cerrado”, em Brasília, adquirindo conhecimento. Além disso, estiveram na Igreja “Perpétuo Socorro”, participando da Palestra de Extrativismo, que teve uma repercussão muito boa. Outros lugares que conheceram foram Rondônia, Cuiabá, Pontes, Lacerda e Belém do Pará, para encontros de intercâmbio. Segundo as integrantes, as viagens contribuíram para conhecer novas pessoas e lugares, uma vez que ficavam muito em seus lares.

Quando questionadas sobre o que mais agrada no grupo, as mulheres responderam que gostam tanto das atividades como das companheiras. Acreditam que tudo no grupo é importante. Gostam do trabalho em conjunto e das amigas. Gostam de conversar para colocar os assuntos em dia e viajar para conhecer os lugares e adquirir informação. Sobre o que menos agrada no grupo, algumas responderam que nada, outras falaram sobre a falta de união.

Em uma pesquisa sobre a influência do grupo na vida das mulheres, 20% respondeu que incentiva a aprendizagem, 20% acredita que melhorou a questão

financeira com a entrada no projeto da CONAB, 40% disse que a influência é boa, pois melhora a autoestima e 20% não respondeu. Já em questão como o grupo se enxerga, 20% acredita que o grupo está bom, mas falta um pouco de persistência, 20% respondeu sobre a dificuldade em encontrar apoio da comunidade e de entidades, 20% disse que o grupo é atuante, 20% não soube responder e 20% considera o grupo regular.

Observando essas respostas percebe-se que o grupo possui ideias divergentes. Algumas das próprias componentes do grupo, podem não acreditar nelas mesmas. Outras se preocupam com a organização social do grupo e, com entusiasmo na fala, demonstram que acreditam que o mesmo ainda não tem visibilidade por parte da comunidade, porém está em busca de um reconhecimento externo. Em geral, a existência do grupo na vida das mulheres é positiva, pois com ele a vida delas melhorou tanto na questão financeira e no aprendizado quanto na autoestima.

O papel da mulher ainda é invisível, pouco valorizado e pouco debatido na comunidade. Porém, observam-se avanços e, a própria criação do “Natureza Viva” é um exemplo no sentido da visualização da mulher agricultora.

Como benefícios já alcançados com o grupo, as mulheres adquiriram muito conhecimento através da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, receberam bolsa com um projeto de irrigação para a horta no valor de R\$ 8.000,00 e ainda ganharam uma despulpadora de frutas doada pela FASE. Fizeram viagens e intercâmbios, conseguiram benefícios advindos da renda de suas produções e receberam também visitas e apoio do Serviço de Apoio e Análise ao Projeto (SAAP), com a quantia de R\$ 5.000,00 para incentivá-las e fortalecê-las.

Dentre outros benefícios, é importante ressaltar que a autoestima e confiança aumentaram com o diálogo com outras pessoas mediante as viagens e os intercâmbios, durante os quais elas têm a oportunidade de falar, aprender e ouvir histórias de outras pessoas. As mulheres conseguiram, além de elevar o próprio ego, melhorar o relacionamento familiar.

O apoio dos maridos é considerado de extrema importância; contudo, ainda há aqueles que fazem críticas destrutivas ao grupo e, com isso, algumas mulheres desistem no caminho. Mesmo assim, há aquelas que persistem na luta e enfrentam qualquer obstáculo.

As famílias das integrantes, em grande parte, também apoiam e as incentivam a participarem de todas as atividades relacionadas com grupo, pois reconhecem o trabalho da comunidade e também como uma fonte de renda para auxiliar nas despesas da casa.

Quanto ao reconhecimento externo do grupo, a pesquisa afirmou que 68,96% dos entrevistados reconhece que o grupo ajuda seus membros a viverem melhor, 3,44% não concorda, 24,13% acha que o grupo é indiferente, e apenas 3,44% não respondeu (Figura 5).

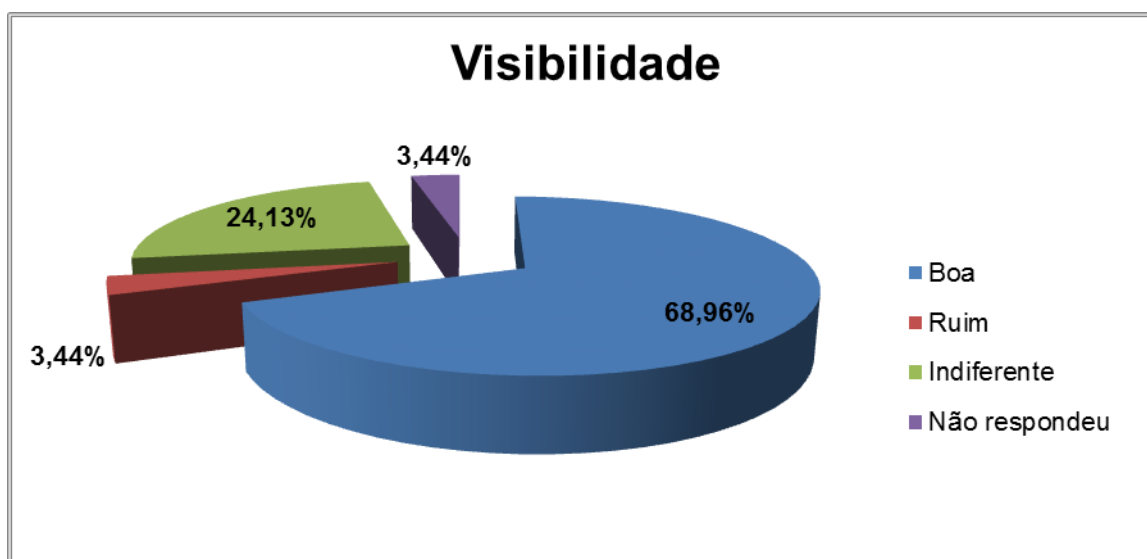


Figura 5. Visibilidade de pessoas de fora do grupo
Fonte: Produção própria

Além disso, outra pesquisa relatou que 93% das pessoas entrevistadas que não participam do grupo, acreditam que a influência do grupo na vida das mulheres é positiva, que as atividades desenvolvidas trazem conhecimento, distração, incentivo e trabalho coletivo. Acreditam que o trabalho é uma iniciativa bonita, que há uma preocupação das mulheres com os trabalhos ligados ao meio ambiente, sendo importante para comercializar os seus produtos de forma coletiva por intermédio da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB).

Por meio das pesquisas identifica-se a importância do Grupo Natureza Viva para o assentamento Facão Bom Jardim, pois as pessoas entrevistadas que não participam do grupo confirmaram que o trabalho feminino traz contribuições que fortalecem o reconhecimento da comunidade. Nota-se um número significativo de pessoas que consideram qualquer iniciativa indiferente, porém, como elas não se envolvem com o grupo, também não atrapalham o desenvolvimento de suas atividades.

CONCLUSÕES

Considerando os dados obtidos com a pesquisa sobre a visibilidade do trabalho feminino no grupo Natureza Viva, pode-se afirmar que, apesar de críticas negativas também estarem presentes na opinião de algumas pessoas de fora do grupo, o mesmo possui reconhecimento significativo.

A maioria das pessoas se sente beneficiada com a presença do grupo na comunidade ou afirma que ele traz melhorias. Além disso, boa parte das mulheres envolvidas conta com o apoio de familiares e amigos para continuarem com as atividades desenvolvidas pelo grupo, pois as consideram importantes tanto para as participantes quanto para a comunidade toda.

Em suma, pode-se constatar que há visibilidade do trabalho feminino no assentamento Facão Bom Jardim, embora ainda existam dificuldades que devem ser superadas.

SUBMETIDO EM 7 fev. 2014
ACEITO EM 14 nov. 2014

REFERÊNCIAS

[BUTTO, A.](#) **Cirandas do Pronaf para mulheres.** Brasília: NEAD/MDA, 2005.

[BRUMER, A.](#) Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 87, jan./abr. 2004.

[DOWLING, C.](#) **Complexo de Cinderela.** São Paulo: Melhoramentos, 1995.

[MEDEIROS, L.; LEITE, S.](#) **Assentamentos rurais: mudança social e dinâmica regional.** Rio de Janeiro: Maud, 2004.

[OLIVEIRA, E. M.](#) **A mulher, a sexualidade e o trabalho.** São Paulo: CUT, 1999.

[PRIORE, M. D.](#) **História das mulheres no Brasil.** 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

[ROMANELLI, G.](#) Autoridade e poder na família. In: CARVALHO, M. C.B. (Org.). **A família contemporânea em debate.** São Paulo: EDUC/Cortez, 2002. p. 73-88.